

opusdei.org

Deus escolheu um povo concreto e conviveu com ele (Audiência 11/03/2026)

Catequese. I. Os Documentos do Concílio Vaticano II II. Constituição dogmática Lumen Gentium 3. A Igreja, Povo de Deus

11/03/2026

Estimados irmãos e irmãs, bom dia e bem-vindos!

Continuando a reflexão sobre a Constituição dogmática *Lumen gentium* (LG), hoje meditamos sobre o segundo capítulo, dedicado ao Povo de Deus.

Deus, que criou o mundo e a humanidade e deseja salvar todos os homens, realiza a sua obra de salvação na história, escolhendo um povo concreto e habitando nele. Por isso, Ele chama Abraão, prometendo-lhe uma descendência numerosa como as estrelas do céu e a areia do mar (cf. Gen 22, 17-18). Com os filhos de Abraão, depois de os ter libertado da condição de escravidão, Deus faz uma aliança, acompanha-os, cuida deles, reúne-os sempre que se perdem. Portanto, a identidade deste povo é dada pela ação de Deus e pela fé n'Ele. Ele é chamado a tornar-se luz para as demais nações, como farol que atrairá a si todos os povos, a humanidade inteira (cf. Is 2, 1-5).

O Concílio afirma que “todas estas coisas aconteceram como preparação e figura da nova e perfeita Aliança que em Cristo havia de ser estabelecida e da revelação mais completa que seria transmitida pelo próprio Verbo de Deus feito carne” (LG, 9). Com efeito, é Cristo que, na dádiva do seu Corpo e Sangue, reúne em si mesmo e de modo definitivo este povo. Ele já é composto por pessoas provenientes de todas as nações; está unificado pela fé n’Ele, pela adesão a Ele, pelo viver da sua própria vida, animado pelo Espírito do Ressuscitado. Esta é a Igreja: o povo de Deus que haure a própria existência do corpo de Cristo, [1] e que é ele próprio corpo de Cristo; [2] não um povo como os outros, mas o povo de Deus, convocado por Ele e formado por mulheres e homens provenientes de todos os povos da Terra. O seu princípio unificador não é uma língua, uma cultura, uma etnia, mas a fé em Cristo: a Igreja é,

portanto – segundo uma maravilhosa expressão do Concílio – a assembleia de quantos «se voltam com fé para Cristo» (LG, 9).

Trata-se de um povo messiânico, precisamente porque tem como cabeça Cristo, o Messias. Aqueles que fazem parte dele não se vangloriam de méritos nem de títulos, mas apenas do dom de ser, em Cristo e por meio d’Ele, filhas e filhos de Deus. Portanto, antes de qualquer tarefa ou função, o que realmente importa na Igreja é estar enxertado em Cristo, ser por graça filhos de Deus. Como cristãos, este é também o único título honorífico que deveríamos procurar. Estamos na Igreja para receber incessantemente a vida do Pai e para viver como seus filhos e irmãos entre nós. Consequentemente, a lei que anima as relações na Igreja é o amor, tal como o recebemos e experimentamos em Jesus; e a sua

meta é o Reino de Deus, para o qual ela caminha com toda a humanidade.

Unificada em Cristo, Senhor e Salvador de todos os homens e mulheres, a Igreja nunca pode fechar-se em si mesma, mas está aberta a todos e é para todos. Se lhe pertencem os crentes em Cristo, o Concílio recorda-nos que “ao novo Povo de Deus todos os homens são chamados. Por isso este Povo, permanecendo uno e único, deve estender-se a todo o mundo e por todos os séculos, para se cumprir o desígnio da vontade de Deus que, no princípio, criou uma só natureza humana e resolveu unir todos os seus filhos que estavam dispersos” (LG, 13). Portanto, até aqueles que ainda não receberam o Evangelho estão de certa forma orientados para o povo de Deus, e a Igreja, cooperando para a missão de Cristo, é chamada a propagar o

Evangelho em toda a parte e a todos (cf. LG, 17), a fim de que todos possam entrar em contacto com Cristo. Isto significa que na Igreja há e deve haver lugar para todos, e que cada cristão é chamado a anunciar o Evangelho e a dar testemunho em todos os ambientes onde vive e trabalha. É assim que este povo mostra a sua catolicidade, acolhendo as riquezas e os recursos das várias culturas e, ao mesmo tempo, oferecendo-lhes a novidade do Evangelho para as purificar e elevar (cf. LG, 13).

Neste sentido a Igreja é una, mas inclui todos. Assim a descreveu um grande teólogo: “Única arca da Salvação, deve acolher na sua vasta nave todas as diversidades humanas. Única sala do Banquete, os víveres que distribui são tirados de toda a criação. Túnica inconsútil de Cristo, ela é também – e é a mesma coisa – a túnica de José, com muitas cores”. [3]

É um grande sinal de esperança – sobretudo nos nossos dias, atravessados por tantos conflitos e guerras – saber que a Igreja é um povo no qual convivem, em virtude da fé, mulheres e homens de diferentes nacionalidades, línguas ou culturas: é um sinal inserido no próprio coração da humanidade, apelo e profecia daquela unidade e paz a que Deus Pai chama todos os seus filhos.

Deus escolheu um povo concreto e conviveu com ele.

[1] Cf. J. Ratzinger, *Il nuovo popolo di Dio*, Brescia 1992, 97.

[2] Cf. Y.M.-J. Congar, *Un popolo messianico*, Brescia 1976, 75.

[3] Cf. H. de Lubac, *Cattolicismo. Aspetti sociali del dogma*, Milão 1992, 222.

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/
audiencia-11-03-2026/](https://opusdei.org/pt-br/article/audiencia-11-03-2026/) (19/03/2026)